



VI Simpósio Nacional de
HISTÓRIA CULTURAL
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

**NOTAS SOBRE UM “HOMEM INFAME” E SUAS DESVENTURAS
PELA “TERRA MALDITA”:
TENSÕES SOCIAIS, CONFLITOS POLÍTICOS E CULTURA DE
VIOLÊNCIA NO PIAUÍ A PARTIR DAS INCURSÕES DE ZEZÉ LEÃO
- (1940-1950), UM BREVE ENSAIO**

Francisco Chagas Oliveira Atanásio*

1

Na madrugada do dia 23 de outubro de 1946, ocorre em Teresina, capital do Piauí, uma eventualidade que irá marcar aquele ano como um ano sombrio; regido em meio a tensões políticas endossadas por atos de violência. Muito antes da alvorada, ainda na calada da noite, se sucede uma espécie de atentado ao jornal “O Piauhy”, no qual um bando de jagunços armados invadem o dito jornal e promovem um verdadeiro “empastelamento”, quebrando máquinas, misturando papéis, com a intenção de incendiá-lo logo em seguida. Foi quando o vigilante do estabelecimento, o senhor Miguel Pedro, reconheceu o líder dos malfeitores e ameaçou denunciá-lo à polícia, saindo às pressas da sede do jornal rumo à delegacia. De imediato, o mesmo homem que fora reconhecido, saca sua *bayard*, calibre 32, e dispara três tiros contra o vigilante que, atingido pelo impacto das balas, vai ao chão. Em seguida, o impiedoso algoz

* Professor Assistente – UESPI/SRN. Doutorando em história - UFPR

aproxima-se do vigilante que agonizava sucumbido e o esfaqueia tirando sua vida em plena rua, frente ao jornal, nas proximidades do centro da cidade¹.

Esses atos – o empastelamento do jornal “O Piauhy” e o assassinato a sangue frio do vigilante Miguel Pedro, junto com os freqüentes incêndios criminosos ocorridos na periferia da capital – se tornaram marcos memoriais da sociedade piauiense em meio às suas lembranças a respeito das desavenças políticas ocorridas na década de 1940. Contudo, talvez essa eventualidade tenha adquirido maior visibilidade em virtude de ser uma das mais audaciosas e cruéis atitudes de um homem temido, mordaz, evitado por todos: o facínora Zezé Leão. Esse crime estava alinhado a outros atos criminosos que fizeram da década de 1940 um período de intensa violência e que tiveram em torno de tal personagem um dos principais expoentes desse cenário conflituoso. Mas afinal quem era Zezé Leão?

José de Arêa Leão – vulgo Zezé Leão – nasceu em 29 de novembro de 1901 na cidade de Água Branca, ao sul do Piauí. Filho de um grande latifundiário da região, é integrante de uma das famílias mais tradicionais do estado: a família Arêa Leão. Seus irmãos, primos, tios, e parentes próximos ocuparam espaços de visibilidade política, compondo assim um ciclo oligárquico em torno do nome Arêa Leão. Desde sua infância morou numa localidade de Água Branca, São Pedro, na qual seu pai era um dos principais proprietários de terra e figura de intocável autoridade local.

Foi na fazenda “Paraíso”, que se tornou posteriormente seu “quartel general”, onde Zezé recebeu uma criação à sombra de um regime patriarcal, senhorial e autoritário, bem comum ao modelo patronal das famílias tradicionais do nordeste nesse período². Sua trajetória torna-se um sugestivo indicativo para traçar determinado itinerário pelos conflitos sociais e políticos da época, pois, ao se pensar pelas

¹ A narrativa elaborada neste parágrafo tem por referência informações extraídas no Diário Oficial do julgamento do referido crime. Para conhecimento mais amplo sobre os detalhes do crime, ver: **Diário Oficial**. Teresina, 28 jan. 1949.

² Sobre a estrutura familiar do modelo patriarcal no nordeste nas primeiras décadas do século XX, ver: ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. Os nomes do pai: a edipianização dos sujeitos e a produção histórica das masculinidades – um diálogo entre três homens. In: _____. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da história. Bauru: Edusc, 2007.

ponderações de François Dosse, entendemos que um indivíduo acaba por expressar certos traços e aspectos da sociedade em que viveu³.

De certo modo, devemos ressaltar que por mais que a década de 1940 se destaque como um momento de fremente potencialização da cultura de violência no estado do Piauí, não podemos pensar que esse seria um período de visibilidade singular a respeito dos atos de Zezé Leão. A feitura de uma imagem temerosa, “respeitada” e intrépida remonta anos que antecedem tal período. Esses momentos se encontram referenciados em memórias e histórias que proporcionam maior aterramento à figura de homem maldito, violento e combativo que Zezé incorporou. Nesse aspecto é possível, inclusive, nos deparar com olhares desviantes que alardeiam diminutamente outro sentido ao seu passado. Por esse prisma, podemos afirmar que, ironicamente, as primeiras referências históricas sobre Zezé Leão não remontam em exato a imagem marginal na qual sua identidade foi cristalizada, pelo contrário; os primeiros referenciais históricos retratam as ações de Zezé Leão ataviadas por aparentes atos de “honradez”. Nesse sentido, citamos como exemplo um momento extremamente marcante para se perceber essa caracterização: a sua participação no processo de reorganização política no estado do Piauí com a Revolução de 1930.

Idealizada pelos segmentos capilares da Aliança Liberal, a Revolução de 1930 tinha como proposição ideológica destituir os grupos oligárquicos vigentes no poder e estabelecer um regime democrático e regular em todo país. No entanto, como afirma Ítalo Tronca⁴, a revolução em sua prática se caracterizou pela substituição das oligarquias que se encontravam no poder por outros grupos oligárquicos, os quais, encorajados por um chavão revolucionário, apoiaram o movimento. Consonante à tese de Tronca, os estudos de Francisco Alcides Nascimento⁵ demonstram que no Piauí não ocorreu nenhum deslocamento contrário a essa constatação, havendo, em práxis, a substituição de uma estrutura oligárquica por outra.

³ DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. 1994.

⁴ TRONCA, Ítalo. **Revolução de 1930**: a dominação oculta. São Paulo: Brasiliense, 1986.

⁵ NASCIMENTO, Francisco Alcides. **A Revolução de 1930 no Piauí (1928-1934)**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

Foi justamente a oligarquia formada pela família Arêa Leão que se destacou primeiramente nesse processo de transição política, uma vez que o comandante da marinha no Piauí, Humberto de Arêa Leão – tio de Zezé – era um dos líderes da revolução no estado ao lado do ex-governador e presidente da Aliança Liberal no Piauí, Matias Olímpio, e do coronel Vaz Costa. De acordo com os estudos de Alcides Nascimento, a Aliança Liberal no Piauí resolveu organizar grupos armados, células de confronto espalhadas estrategicamente por todo o estado. Dessa forma, “estourando a revolução bastava convulsionar o estado, fazendo levantar, em diversos municípios, grupos armados que marchariam sobre a capital.”⁶

Nesse contexto, Zezé Leão teria sido um dos homens de frente dos grupos armados no Piauí. Ele seria responsável pela célula que marcharia à capital pelo lado sul. Essa afirmação foi revelada na edição do jornal “A Liberdade”, quatro anos após a revolução, numa reprodução escrita das instruções de Matias Olímpio dadas ao coronel Vaz Costa, na época da conspiração do movimento no Piauí:

O Zezé Leão convulsionará a zona do Amarante, Água Branca e São Pedro. O Mourão convulsionará Pedro II e você e seus homens irão mais ao sul do estado, afim de convulsionar São Raimundo Nonato e São João para em seguida descer sobre a capital, Teresina.⁷

A Revolução ocorreu efetivamente no Piauí em 04 de outubro de 1930, tendo Humberto de Arêa Leão como interventor e posteriormente governador do estado, e seu irmão, Raimundo de Arêa Leão, como prefeito da capital. Zezé, junto aos seus irmãos Miguel, João e Júlio, recebera patente do alto escalão da brigada militar⁸, sendo nomeado capitão dessa brigada. Conseqüentemente, em janeiro de 1931, ocorre um cisma interno entre os líderes do movimento, principalmente entre Vaz Costa e Humberto Arêa Leão. Esse conflito de interesses afetou diretamente a oligarquia dos Arêa Leão no poder do estado e, com isso, Zezé e seus irmãos foram destituídos dos cargos.

Tal momento também apontaria uma nova fase em sua trajetória, marcada por uma sangrenta luta por posse de terras. Pouco se conhece afundo desse período, a não

⁶ NASCIMENTO, op., cit. p.55.

⁷ Jornal **A Liberdade**. Teresina, 03 jun. 1934. p.02.

⁸ A brigada militar posteriormente daria origem à polícia militar do Piauí.

ser narrativas dispersas. No ano de 1998, o jornalista Arimatéa Carvalho, em um dos raros escritos sobre a trajetória de Zezé Leão, dedica uma página do jornal “Meio Norte” para traçar um breve histórico sobre o perfil e os feitos desse personagem. Nele, são apontados alguns indícios desse conflito. Indícios que, de certa forma, levam-nos a perceber como se esculpiu a imagem temerosa de cangaceiro que Zezé Leão ostentou por toda vida:

A origem de sua fama de cangaceiro e matador está num conflito de terras envolvendo sua família, os Arêa Leão, e o coronel José Liberato, outro grande latifundiário da região do município de São Pedro – que depois daria origem a um punhado de cidades como Água Branca, Hugo Napoleão e Miguel Leão (homenagem ao mais velho dos quatro irmãos homens da família). A briga entre os Arêa Leão e Liberato pela posse de terras se alastrou por mais de uma década no interior do Estado. Foi o conflito armado que provocou o aparecimento do bando de jagunços, profissionais contratados para executar "serviços" e proteger as fazendas. Zezé Leão e seu bando ficaram famosos por se empregarem a essas ações.⁹

A partir das menções de Arimatéa Carvalho percebemos que esses conflitos, além de estarem vinculados às questões agrárias, também ajudaram a redimensionar territorialmente determinadas regiões do sul do Piauí. Esse também teria sido o momento pelo qual a imagem de Zezé adquiriu as primeiras associações vinculadas ao cangaço. Tal imagem contraiu intensidade e sustentação no imaginário social da época, sendo que Zezé Leão ficou conhecido no estado como “O Lampião do Piauí”¹⁰; alcunha que se revela uma nítida alusão ao maior expoente do cangaço: Virgulo Ferreira da Silva: O Lampião.

Sua morte, em 1956 – depois de um confronto com a polícia, no qual seu corpo foi mutilado e entregue dentro de um saco¹¹ – ajudou ainda mais a fomentar essa representação, subsidiando narrativas, histórias, memórias, lendas, enfim, um conjunto de projeções que procuram arregimentar a imagem aterradora e singular que Zezé exprimiu através de seus atos. Entendemos que suas ações atravessaram mais de duas

⁹ CARVALHO, Arimatéa. Vida e Morte de Zezé Leão. Jornal **Meio Norte**: Caderno alternativo. Teresina, 09 ago.1998. p.01.

¹⁰ O LAMPIÃO do Piauí. Zezé Leão, uma vida de crueldade. Jornal **O Piahuy**. Teresina, 08 agos. 1947. p.02.

¹¹ CARVALHO, Arimatéa. Vida e Morte de Zezé Leão. Jornal **Meio Norte**: Caderno alternativo. Teresina, 09 ago.1998. p.01.

décadas oferecendo assim a possibilidade de cartografar historicamente as questões sociopolíticas da época em meio às situações em que foram acionadas.

Muitas das ações de Zezé Leão subsidiaram um diálogo “avesso” junto a outras eventualidades que a sociedade piauiense enfrentou. Podemos referendar, vinculada a essa observação, o caso dos incêndios criminosos, freqüentes em tal período. Esses casos, sobrevivendo na capital, atravessaram praticamente toda a década de 1940. Entretanto, de acordo com as proposições de Raimunda Celestina Mendes, “os incêndios eram constantes na cidade e, na década de 1930, a imprensa já noticiava a ocorrência deles na capital”¹². Em pesquisa seminal sobre a temática, Francisco Alcides Nascimento indica que o agenciamento de tais atos encontra seu ponto máximo na década de 1940 quando estiveram relacionados a um discurso modernizador do espaço urbano encabeçado pelo poder público¹³.

Por esse fato, as casas cobertas de palha – em significativa quantidade não só na periferia, mas também nos setores centrais do núcleo urbano da capital – deveriam ser apagadas da paisagem geral de Teresina para que a mesma pudesse aspirar os ares de uma cidade modelo no meio-norte brasileiro. Pela perspectiva de Alcides Nascimento, essa percepção de modernização estava não apenas associada à reformulação estética do espaço urbano, como também a um suposto exercício de “higienização” empregada pelo estado.

A idéia de afastar as casas de palha das proximidades da zona central está relacionado ao discurso de modernização da cidade... A ordenação da cidade passa por sua “limpeza”, e se as casas de palha enfeiam-na é necessário que o poder do estado e municipal tome as medidas necessárias.¹⁴

A prática incendiária, nesse contexto, longe de ser “uma medida necessária”, seria um dispositivo radical e violento usado para que as casas de palha fossem

¹² Deve-se ressaltar que, de acordo com a autora, esses incêndios ocorriam associados a vários motivos: a grande quantidade de casas de palha, a estiagem, acidentes e até mesmo incêndios propositais visando alguns benefícios que o estado proporcionava aos que tinham suas casas incendiada. Sobre o histórico dos incêndios em Teresina, ver: MENDES, Raimunda Celestina. A cidade incendiada: uma visão histórica e literária dos incêndios de Teresina. In: **Scientia et spes**: revista do Instituto Camilo Filho. Teresina: IFC. Vol.01, nº2. p.318. 2002.

¹³ NASCIMENTO, Francisco Alcides. **A cidade sob o fogo**: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945). Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

¹⁴ NASCIMENTO, op., cit. p.218.

evaporadas nas cinzas do fogo criminoso. Alinhadas a tal prática, outras eventualidades vão ocorrendo como reflexo dessa ação: tortura e repressão policial a “falsos” incendiários, mortes de famílias e de crianças recém-nascidas (carbonização) e uma verdadeira guerra de trincheiras político-partidárias entre as principais células rivais no estado – PSD (situação) X UDN (oposição)¹⁵. A relação de animosidade entre esses grupos adquiria uma substantiva intensificação de acordo com a frequência dos incêndios. Por meio de jornais¹⁶, os partidos se acusavam reciprocamente dos incêndios criminosos que já se alastravam por toda a cidade.

É nesse contexto que Zezé Leão aparece como um suposto “contratado” para “silenciar” e “avisar” sobre o eventual perigo que os adversários da oposição – UDN – poderiam sofrer com sua presença. O “aviso” foi feito, em 23 de outubro de 1946, com o “empastelamento” do Jornal “O Piauí”, o qual, de acordo com o Diário Oficial, “também deveria ser incendiado”¹⁷. Neste mesmo caso ocorreu a morte do vigilante Miguel Pedro, retratada na abertura do projeto. O jornal “O Combatente”, do Maranhão, especulava que:

o cangaceiro Zezé Leão teria sido contratado por representantes de um partido político – PSD – para incinerar o jornal o qual empregava, freqüentemente, severas críticas e denúncias aos seus representantes que se encontram à frente do governo do estado. Por meio desse ato, a cúpula pessedista queria silenciar as constantes denúncias feitas sobre a autoria dos incêndios criminosos ocorridos na cidade verde¹⁸.

A partir desse fato, houve um verdadeiro mapeamento sobre os percursos traçados por Zezé Leão. Seu negro passado seria exumado para subsidiar a caracterização de um verdadeiro facínora. Iriam fazer um levantamento sobre sua família, os crimes, as mortes, enfim, os conflitos em que esteve envolvido no interior do estado, os quais lhe deram visível fama. O crime de 23 de outubro de 1946 seria usado como marco referencial para pincelar certa paisagem demarcada pelo caos instaurado na capital do Piauí:

¹⁵ Ibid.

¹⁶ Em nosso levantamento preliminar percebemos que os jornais pelos quais ocorria mais claramente esse confronto explícito de acusações eram os jornais “Diário do Piauí” (PSD) e “O Piauí” (UDN).

¹⁷ **Diário Oficial**. Teresina, 28 jan. 1949. p.03.

¹⁸ CANGAÇO, vítimas e atentados mancham de sangue a capital piauiense. Jornal **O Combatente**. São Luís, 02 nov. 1946. p.03.

A todos os recantos do país chegavam à notícia de vandalismo e de cangaço, de que era teatro a infeliz, escura e carbonizada Teresina e que constituem agora no assento obrigatório nas rodas, nas palestras, nas estações de rádios, e nos jornais. “La Pensa”, Buenos Aires, acrescentou imediatamente em suas folhas uma nota relatando o fato criminoso e o atentado à liberdade de imprensa. Estamos vivendo dias escuros; a cidade está entregue aos leões, o cangaço reina solenemente punindo todos aqueles que se opõem ao fascismo dos mandatários locais e as famílias pobres morrem queimadas.¹⁹

O fragmento hemerográfico acima, extraído do jornal “O Piauí”, procura sintetizar, em meio a uma tonalidade desesperadora e pessimista a atmosfera gerada na capital. Vemos nessa passagem uma série de noções que denotam produções de sentidos agregados a percepções hasteadas em meio a uma tonalidade funérea. Trechos como “a infeliz, escura e carbonizada Teresina”, “vandalismo e cangaço”, “a cidade está entregue aos leões”, “fascismo dos mandatários locais”, “famílias pobres morrem queimadas”, procuram ajustar (in)diretamente as ações de Zezé Leão junto aos incêndios criminosos ocorridos na época.

Assim como na escrita informativa jornalística, vemos também essa convergência associativa em outras expressões narrativas; é o caso das produções poético literárias da época. De um modo geral, percebemos que, no Piauí, os jornais publicavam regularmente narrativas poéticas que procuravam tematizar questões que tratavam do cotidiano, da cultura e da política local, fabricando uma espécie de representação dos fluxos sociais emergentes no período. Nesse contexto, Anísio Brito publica o poema “O canto da terra maldita”, o qual expomos seu fragmento a seguir:

...Este é o poema negro da terra maldita / um poema que ferirá
ouvidos delicados / porque é negro como a noite horroríssima do
crime / e rubro como as rubras labaredas dos incêndios.
Mas eu não pude mais abafar essa revolta íntima / e este protesto
imundo lido em todas as faces. / E por que senti no peito uma angústia
pesada / como se fosse a angústia de milhões; / nasceu este grito no
fundo da noite / como se repetisse o grito de um esfaqueado; / nasceu
este grito no seio das sombras / no seio da noite de fogo e de crime / à
terra explorada, mendiga de luzes / à terra oprimida, mendiga de pão /
à terra enganada, mendiga de esgoto / mendiga de água, mendiga de
tudo.
Nasceu este grito no seio das sombras / no seio das sombras da terra
sem luzes / enquanto, alta noite, transidas medo / famílias
despertavam aos tiros do cangaço...

¹⁹ A REPERCUSSÃO do momentoso crime. Jornal **O Piauí**. Teresina, 31 out. 1946 p. 03.

Porque esse grito, nascido das sombras, / no seio das sombras da terra
sem luzes, / corneta de alerta soando da noite, alarme voando no som
do clarim, / apito estridente de um barco perdido, / vagando sem rumo
na noite sem fim / se destina a acordar o povo que ainda dorme, /
porque é preciso acordar o povo que ainda dorme.²⁰

Observamos que nesse poema o autor procura relacionar as tensões e os crimes da época por meio de uma escrita figurada em dramaticidade, denúncia e protesto. No cerne dessas produções imagéticas, Zezé se tornaria sujeito e objeto para impressões de signos demonizantes no imaginário da época. Seus feitos ganhariam força e ressonância em todo o estado; ele se tornaria um abominável lendário, incorporando memórias e fundamentando histórias por meio das mais variadas narrativas.

Por essa leva de aspectos e exemplificações, podemos afirmar que esta pesquisa adquire sua relevância ao propor uma produção histórica que focalize os conflitos, e os embates sociais no Piauí em um período fértil e significativo para se observar como determinadas tensões, oriundas das correlações de forças insurgentes na época, afetaram a sociedade local e como essas mesmas tensões foram expostas em tal contexto, sendo ao mesmo tempo embates que atravessaram situações e temporalidades diversas.

Fazendo uma “redução de escala”, seguindo as proposições de Lepetit²¹, optamos seguir os roteiros de um sujeito em particular, não para essencializá-lo como síntese plena de uma época, enquanto sujeito atuante desses embates, mas como vetor indiciário emergente às questões concernentes no imo de tais momentos. Dessa maneira, a trajetória de Zezé Leão não se apresenta apenas como objeto de análise, mas também um substantivo objeto pré-textual para exercermos uma leitura das dimensões culturais, políticas e cotidianas, da sociedade piauiense correspondente ao período entre 1930-1950.

Outro aspecto pelo qual no encontramos cativos em perscrutar sobre seu passado diz respeito ao fato de analisar a emergência de uma imagem, um sentido e uma noção relacionada ao cangaço, a qual foi elaborada e incorporada pela imaginação

²⁰ BRITO, Anísio. Canto da terra maldita. *Jornal O Piahu*. Teresina, 15 nov. 1946. p.03.

²¹ LEPETIT, Bernard. Sobre a escala na história. In: Revel, Jacques. **Jogos de escala: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p.77-102.

coletiva em certas instâncias do estado piauiense. Como vemos em determinadas passagens dos referenciais empíricos usados até então, Zezé Leão está no centro desta emergência conceitual. Seria ele o sujeito principal – ou pelo menos o único que se fez visível no Piauí – a promover uma condição de vivência e existência propensa para a produção desta idéia, sendo ao mesmo tempo sujeito-objeto “fundante” da representação do cangaço no imaginário social piauiense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. **História**: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história. Bauru: Edusc, 2007.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

LEPETIT, Bernard. Sobre a escala na história. In: Revel, Jacques. **Jogos de escala**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

MENDES, Raimunda Celestina. A cidade incendiada: uma visão histórica e literária dos incêndios de Teresina. In: **Scientia et spes**: revista do Instituto Camilo Filho. Teresina: IFC. Vol.01, nº2. 2002.

NASCIMENTO, Francisco Alcides. **A cidade sob o fogo**: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945). Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

_____. **A Revolução de 1930 no Piauí (1928-1934)**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

Revel, Jacques. **Jogos de escala**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

TRONCA, Ítalo. **Revolução de 1930**: a dominação oculta. São Paulo: Brasiliense, 1986.

Fontes Consultadas

- Jornais

A liberdade. Teresina, 03 jun. 1934.

O Combatente. São Luís, 02 nov. 1946.

O Piauhuy. Teresina, 31 out. 1946.

O Piahu. Teresina, 15 nov. 1946.

O Piahu. Teresina, 08 ago. 1947.

VI Simpósio Nacional de História Cultural
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar
Universidade Federal do Piauí - UFPI
Teresina-PI
ISBN: 978-85-98711-10-2

Meio Norte. Teresina, 09 ago.1998.

- Documentação judiciária

Diário Oficial. Teresina, 28 jan. 1949.